

A Independência restituiu a Pátria aos que o colonialismo obrigou a emigrar

— Presidente Samora Machel a representantes de comunidades moçambicanas em países vizinhos

A independência restituiu a Pátria aos emigrantes. Hoje vocês são emigrantes de uma Pátria independente, são emigrantes moçambicanos. A Pátria deixou de ser uma coisa abstracta — disse o Presidente Samora Moisés Machel, quando falava perante uma delegação constituída por representantes das comunidades moçambicanas que trabalham e residem nos países vizinhos que antecetem recebeu. Na cerimónia, a que estiveram presentes membros do Comité Político Permanente do Comité Central do Partido FRELIMO e do Governo da República Popular de Moçambique, foi feita a entrega de um donativo no valor de 24.530 randes (cerca de um milhão e cinquenta e quatro mil meticais) destinado ao Banco de Solidariedade, contribuição dos elementos daquela delegação.

Na sua intervenção o dirigente máximo sublinhou que os emigrantes moçambicanos tornaram-se personalidades de relevo no estrangeiro, o que constitui uma irrefutável acusação contra o carácter primitivo e desumanizante do colonialismo português. Na mesma ocasião anunciou que brevemente o Governo vai publicar um documento de orientações, no qual serão definidas as áreas da economia em que os emigrantes poderão investir. É a seguinte, na íntegra, a intervenção do Presidente Samora Machel:

Caros compatriotas,

Boas-vindas. Sejam mais uma vez bem-vindos à República Popular de Moçambique, vossa Pátria, Pátria dos vossos pais, Pátria dos nossos antepassados.

Voltamos a encontrar-nos no fim de mais um ano de trabalho. Foi um ano de grandes vitórias.

Foi um ano em que todos os moçambicanos, trabalhando dentro ou fora do país, melhoraram a qualidade da contribuição de cada um para a edificação da nossa Pátria independente.

Foi um ano em que vimos alargarem-se as fronteiras da liberdade, um ano que consagrou, com a tomada do poder, a luta do povo do Zimbabwe. Para todos os moçambicanos a independência do Zimbabwe culminou, na alegria da vitória, uma luta de que fomos a retaguarda segura e para o sucesso da qual aceitámos os mais elevados sacrifícios.

O ano de 1980 foi o ano da Ofensiva Política e Organizacional, o ano da preparação da década da vitória sobre o subdesenvolvimento, a fome, a nudez, a ignorância, o desemprego.

O ano que agora termina viu os países da nossa zona darem passos decisivos para a cooperação regional para a eliminação de dependências históricas, para o desenvolvimento e libertação económica.

Compatriotas,

Em vós saudamos todos os filhos de Moçambique que, em países estrangeiros, vivem e trabalham.

Em vós, aqui presentes, saudamos os filhos de Moçambique que, com o seu exemplo, a sua inteligência e a sua capacidade de trabalho, honram o nome do nosso País.

Em vós saudamos todas as comunidades moçambicanas no exterior e, em particular, as da África do Sul, Suda- zilândia, Zimbabwe, Malawi, Zâmbia e Tanzânia.

Os emigrantes moçambicanos são, também, um resultado do colonialismo português. Vocês saíram de Moçambique para fugir do chibalo, da palmatória e da miséria a que estavam condenados. Fugiram de Moçambique porque não havia postos de trabalho para valorização das vossas mãos, da vossa inteligência, das vossas forças. A exploração colonial portuguesa não permitia que o moçambicano se desenvolvesse, se afirmasse como ser humano, criador e transformador da sociedade. Por isso, muitos de vocês tiveram de procurar, no exílio, o que vos em negado na Pátria ocupada. Lá no estrangeiro, vocês tornaram-se personalidades de relevo. E isso constitui uma irrefutável acusação contra o carácter primitivo e desumanizante do colonialismo português.

Vocês emigraram e venceram as dificuldades do emigrado. Mas nunca se esqueceram da vossa condição de moçambicanos. Lá, nos países onde vivem e trabalham, a vossa personalidade é a personalidade moçambicana, a vossa cultura é a cultura moçambicana, a vossa Pátria é a República Popular de Moçambique.

As comunidades moçambicanas nos países vizinhos sempre acompanharam a luta de libertação nacional com a mesma perseverança e determinação com que agora acompanham a reconstrução da Pátria independente.

02
Durante a luta, vocês recolheram fundos, forneceram informações, deram filhos para as fileiras das FPLM, protegeram compatriotas que, de Moçambique, fugiram para se juntar à FRELIMO. Agora, juntam o vosso trabalho, a vossa inteligência, os vossos conhecimentos, o vosso dinheiro, a vossa vigilância para ajudarem a reconstruir a Pátria devastada pela pilhagem colonial, a ocupação estrangeira, a agressão dos racistas rodesianos.

A independência restituiu a Pátria aos emigrantes. Hoje, vocês são emigrantes de uma Pátria independente, são emigrantes moçambicanos. A Pátria deixou de ser uma coisa abstracta. Ela hoje é o conjunto dos homens que edificam a nossa sociedade, é a totalidade da terra que tem a riqueza, é a inteligência de cada um, a cultura nacional e a personalidade moçambicana libertadas.

Agora, redescobrimos a Pátria em cada filho que nasce, em cada árvore que cresce, em cada trabalho que se conduz, em cada livro que se escreve, em cada flor que se abre, em cada rio que corre, em cada fruto que se colhe, em cada vitória que se alcança, em cada compatriota que se encontra.

Agora, quando voltam a Moçambique, já não vêm visitar a colónia portuguesa.

Agora, a Pátria somos nós e vós, juntos, construindo com as nossas mãos e a nossa inteligência um futuro de felicidade.

Hoje, vocês têm direitos como moçambicanos. Esses direitos são os deveres que a Pátria tem para convosco: o dever de proteger-vos, de defender os vossos interesses, de vos apoiar, de manter sempre as condições para o vosso regresso à Pátria.

Por essa razão, estamos a fazer um esforço para criarmos representações nos países em que vocês vivem. Por isso, já criámos condições que facilitam a vossa entrada em Moçambique e as vossas relações permanentes com os familiares e, em geral, com os vossos compatriotas.

Hoje, vocês têm deveres para com a vossa Pátria. O dever das comunidades moçambicanas no estrangeiro contribuírem, através do exemplo, para o prestígio de Moçambique. Todo o moçambicano emigrado deve sentir-se pessoalmente engajado nos objectivos de paz, progresso e independência completa da Pátria. Todos os emigrantes devem assumir, como seu, o combate da presente década contra o subdesenvolvimento contribuindo com as próprias capacidades, conhecimentos, meios financeiros ou outros para o sucesso do nosso projecto.

No dia 18 de Março passado, dissemos publicamente o que já vos tínhamos dito em encontros anteriores: Dissemos: podem regressar, podem investir na vossa Pátria. Invistam na agricultura, na indústria, no comércio. Dentro de dias o Governo vai publicar um documento de orientação no qual serão definidas as áreas da economia em que vocês poderão investir as vossas capacidades de trabalho e o vosso dinheiro. Nesse documento se definirá a natureza da vossa relação com a Pátria moçambicana, as vossas tarefas na construção de uma sociedade livre e socialista. Socialismo significa sermos totalmente independentes. Significa recusarmos-nos a ser governados por agentes dos exploradores estrangeiros. Socialismo significa sermos agentes apenas dos interesses do nosso Povo, servidores exclusivos da causa da liberdade e do desenvolvimento.

Soc. Plano significa, o Estado ocupar-se dos grandes sectores estratégicos, aqueles que são decisivos para a vitória definitiva sobre a miséria e a fome. Socialismo não significa o Estado ocupar-se dos pequenos negócios, das menores unidades de produção. Isso cabe aos privados. Isso é a vossa tarefa. Ao cumprirmos essa tarefa com honestidade, competência e espírito patriótico, vocês

estarão a servir os interesses da nação moçambicana. O Estado dar-vos-á apoio.

Os inimigos da nossa Pátria tentaram utilizar o discurso de 18 de Março para criar contradições entre nós. Procuraram lançar confusão sobre o que tínhamos dito. Nesse dia dissemos que os moçambicanos emigrados podiam voltar e investir na sua Pátria. Os nossos inimigos disseram que o Governo moçambicano estava a convidar os colonialistas portugueses a voltarem para Moçambique. Queriam convencer-vos de que tínhamos vendido a Pátria aos exploradores estrangeiros, de que tínhamos abdicado da independência tão duramente conquistada, de que tínhamos traído o nosso Povo. Mas a manobra do inimigo falhou. A tentativa de vos confundir não teve sucesso. A mentira sempre teve pernas curtas. As nossas comunidades estão organizadas e firmes no seu patriotismo.

As nossas comunidades estão vigilantes perante os inimigos da Pátria. As comunidades moçambicanas conhecem os dirigentes do País, conhecem os seus programas, os nossos objectivos.

Caros compatriotas,

Os problemas que preocupam as nossas comunidades de emigrantes e de que vocês foram, este ano, os porta-vozes, são diferentes dos problemas que nos foram apresentados no ano passado e nos anos anteriores. Isso é bom sinal. Isso significa que algumas das vossas principais preocupações do passado estão em vias de solução ou já foram solucionadas e deixaram de constituir problemas importantes para a vossa vida.

As principais preocupações que agora trazem, dizem respeito às facilidades que vos devemos proporcionar para a implementação do apelo que vos dirigimos em 18 de Março. A resposta dos emigrantes a esse apelo foi rápida e entusiástica. Muitos emigrantes querem investir em Moçambique. Grande número pretende aplicar capitais na agricultura, na indústria, no comércio, em empresas de serviços. Aguardam agora da nossa parte, como Estado que orientemos a vossa participação e organizemos o apoio prometido.

Recebemos pedidos de emigrantes para poderem ter casas em Moçambique. Ficámos orgulhosos com a vossa decisão. A APIE serão dadas orientações para tratar correctamente os problemas específicos que vocês têm. Serão estudadas convosco condições para a venda de casas que se encontram por acabar, assim como para a construção de novas casas.

Também temos de enfrentar os problemas relacionados com a integração dos filhos que os emigrantes pretendem que estudem em Moçambique. O nosso sistema escolar é diferente dos sistemas vigentes nos países em que vocês trabalham. A compatibilização dos sistemas não é uma tarefa fácil e requer uma preparação cuidada por parte das estruturas responsáveis pela educação no nosso País. Recomendamos que, nesta fase, vocês dêem prioridade aos filhos que estão no início da idade escolar ou aos que estão para ingressar no ensino universitário.

Outros problemas que vos afectam, também irão encontrando soluções. A questão central é que o diálogo entre os moçambicanos emigrados e o seu Governo se estreite cada vez mais. A correcta relação do emigrante com a sua Pátria constrói-se. É uma grande obra que temos de realizar através deste tipo de diálogo, com a vontade, a perseverança e o esforço de todos nós.

Caros compatriotas,

Desejamos que as festas de fim do ano, que qui-

serão vir passar nesta vossa República Popular de Moçambique, junto das vossas famílias e dos vossos compatriotas, sejam festas felizes, cheias de amor e alegria. Dentro de dias, regressarão aos países em que vivem e trabalham. Desejamos um bom regresso e que, nesses países, o ano de 1981 seja um ano de maiores sucessos, um ano de saúde, de bem-estar e prosperidades para vós e para os vossos familiares.

Sejam portadores, para todos os nossos compatriotas que não puderam visitar a Pátria neste fim do ano, da mensagem que aqui vos transmitimos, em nome do Partido FRELIMO e em nome do Estado moçambicano, e dos nossos votos de que as comunidades moçambicanas no estrangeiro intensifiquem os laços que unem todos os emigrantes e desenvolvam sempre e cada vez mais a sua relação com a Pátria livre e independente.

A LUTA CONTINUA!

(De: "Notícias", Maputo, 1980-12-29) .